

## LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

José Augusto Araújo Júnior (UNITINS)

[jaugusto386@gmail.com](mailto:jaugusto386@gmail.com)

Elem Kássia Gomes (UNITINS)

[ekg04@hotmail.com](mailto:ekg04@hotmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho foi realizado a partir de leituras e da análise da importância da literatura infantil para a formação de leitores. Nesta investigação, são apresentados conceitos de literatura e interpretação, de criança e da literatura infantil, assim como estratégias de incentivo à leitura dos gêneros literários, de como trabalhar o tema em sala de aula, através da observação de um projeto intitulado: *Eu leio, eu compartilho*, realizado em uma instituição particular da cidade de Araguatins, Tocantins e aplicado para alunos do Ensino Fundamental I. Para tal discussão, utilizamos como referencial teórico as contribuições de Kleiman (2006), Lajolo (2009), Freire (2006), Zilberman (2003), Coelho (2000) e Faria (2015), autores que desenvolveram pesquisas significativas sobre leitura, interpretação e literatura infantil, contribuindo de maneira determinante para os estudos nessa área. A pesquisa aqui realizada demonstrou o quanto válido é um trabalho de incentivo à leitura quando é bem direcionado e acompanhado pelos pais ou responsáveis. Ao final, pode-se concluir que a literatura infantil é uma ferramenta primordial e indispensável para a formação de alunos/leitores, nos oferecendo uma ampla gama de possibilidades para trabalhar narrativas infantis no Ensino Fundamental I.

### Palavras-chave:

Leitura. Gêneros literários. Literatura infantil.

### ABSTRACT

This work was carried out from reading and analysis of the importance of children's literature for the formation of readers. In this investigation are presented literature concepts and interpretation of children and children's literature, as well as reading incentive strategies of literary genres, of how to work the subject in classroom through observation of a project entitled: *I read, I share*, which was held in a private institution in the town of Araguatins, Tocantins and applied to elementary education I students. For this discussion, it was used as theoretical referential the contributions of Kleiman (2006), Lajolo (2009), Freire (2006), Zilberman (2003), Coelho (2000) and Faria (2015), authors who have developed significant research on reading, interpretation and children's literature, contributing of decisively way to the studies in this area. The research conducted here showed how valid is a reading incentive work when is well directed and accompanied by parents or guardians. In the end, it can be concluded that children's literature is an essential and indispensable tool for the training of students/readers, in offering a wide range of possibilities to work children's narratives in Elementary Education I.

### Keywords:

Reading. Children's literature. Literary genres.

## **1. Introdução**

O presente artigo analisou o material resultante de um projeto intitulado *Eu leio, eu compartilho*, implementado em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, numa escola da rede particular da cidade de Araguatins, no estado do Tocantins. A intenção do estudo é abordar a contribuição da literatura infantil para o aluno desde seu desenvolvimento social, emocional até o cognitivo. A propósito, a educação em si, preocupa-se com o desenvolvimento do indivíduo, de todas as classes, para que através dela ele torne-se um ser crítico, responsável e atuante na sociedade. Isso porque a sociedade atual necessita de trocas sociais, um contribuindo com uma nova informação para o outro e vice-versa.

Em vista disso, a escola é a principal responsável pelo desenvolvimento das competências de leitura na criança, pois é onde a literatura infantil pode possibilitar muitas experiências e influenciar de maneira positiva. Assim, é possível utilizar a literatura infantil como instrumento motivador e desafiador, pois ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, que consegue ler o contexto em que está inserido, otimizando suas relações com ele.

Visto que a literatura infantil é capaz de tanto, cabe os seguintes questionamentos: por que as crianças têm dificuldades para ler e interpretar textos, sejam verbais ou não verbais? E por que os alunos, de modo geral, não gostam de ler, sejam livros ou até mesmo pequenos textos? Como mudar essa realidade em que nossas crianças estão inseridas? Quanto a formação do professor, ela está adequada ao que é exigido, ele desempenha o papel de um bom profissional da educação? A tais questionamentos queremos responder a seguir.

Reafirmando a necessidade de investimento na formação de leitores, vale ressaltar a pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro – IPL (2016), que evidencia dados comprobatórios da insuficiência nos níveis de leitura do brasileiro. O país conta com 56% de leitores em sua população acima dos cinco anos, portanto, nossas crianças necessitam do incentivo à leitura, sendo a melhor ferramenta a literatura. O déficit em interpretar situações e leituras é dado por má introdução da literatura e por falta de motivação ao ato de ler. Por conseguinte, o desenvolvimento do aluno fica comprometido, já que muitos irão evitar ao máximo ler por esses motivos. Em vista disso, a mudança dessa realidade deve ser feita nas séries iniciais, onde o imaginário da criança está muito fértil, esse é o local onde deve-se inserir as obras literárias infantis, mostrando obras que os

deixem livres e que não tenham cunho dogmático ou abordagem unicamente pedagógica.

E para que todo esse processo seja feito, o profissional da educação deve ser qualificado, pois se o professor não tem o hábito de ler e não gosta, ele também não irá motivar o aluno. Isso mostra a urgência de uma boa orientação nessa fase de ensino. Os pais também devem mostrar exemplo aos filhos, lendo com eles e mostrando o quão bom é ler, propiciando debates sobre leituras já realizadas ou ainda por fazer.

Portanto, é relevante fomentar a literatura infantil desde as séries iniciais, tendo a percepção de que as crianças precisam do máximo de liberdade possível para sonharem, já que isso pode ajudar na sua criatividade e construção da concepção de mundo, além da infância caracterizar-se como um tempo curto para brincar com o pensamento tão intensamente. Crianças com mais liberdade para pensar e interpretar, tendem a se tornar adultos promissores e críticos.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de dados documentais provenientes do *Projeto Eu leio, eu compartilho*, buscando identificar suas possíveis contribuições para a formação de leitores no primeiro ano do Ensino Fundamental, considerando a urgência da necessidade do incentivo ao hábito da leitura no contexto atual. Este trabalho retratou sobre a importância da literatura infantil para o aluno, pois acredita-se que é através dela que podemos contribuir para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança, que com essa introdução logo no início da infância, contando com a colaboração tanto de pais quanto de professores, os alunos terão as competências de leitura e interpretação melhores desenvolvidas em seu crescimento como estudantes.

## **2. *Leitura e interpretação***

A leitura vem se tornando cada vez mais necessária no contexto educacional e social, principalmente devido ao cenário atual, no qual os alunos leem e releem uma obra, mas não conseguem decifrar com êxito o discurso imposto em suas leituras, achando-as enfadonhas e inúteis.

Neste capítulo, abordamos sobre a prática de leitura e interpretação. Para isso, acreditamos ser necessário apresentar os conceitos dicionarizados dos seguintes termos “leitura” e “interpretação”.

No que diz respeito ao primeiro termo, define-se como: “1 – O

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

que se lê. 2 – Arte ou ato de ler. 3 – Conjunto de conhecimentos adquiridos com a leitura. 4 – Maneira de interpretar um conjunto de informações. 5 – Registro da medição feita por um instrumento. 6 – Decodificação de dados a partir de determinado suporte”. Em relação ao segundo, o referido dicionário aponta que trata-se de 1 – Fazer a interpretação de. 2 – Tomar (alguma coisa) em determinado sentido. 3 – Explicar (a si próprio ou a outrem). 4 – Desempenhar um papel ou executar uma obra musical. 5 – Traduzir ou verter de uma língua para outra” (AURÉLIO, 2018).

Ao refletir acerca do conceito de leitura na perspectiva do PCNLP (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa), o documento exige que seja cobrado do aluno, na prática de leitura, fluidez, compreensão e oratória, pois isso é fundamental para que ele consiga interpretar as informações que impostas no seu dia a dia, seja num comercial para compras, notícia de jornal ou anúncio através dos veículos sonoros.

Além disso, Paulo Freire defende que a leitura está além da decifração do que se encontra no que está escrito, a leitura das palavras é apenas uma ferramenta para que se consiga ler o meio de maneira mais profunda e crítica. Acrescenta-se ainda, relacionado à prática do professor em sala de aula, no que diz respeito à leitura, Angela B. Kleiman (2006) afirma de forma crítica, que o tratamento do professor sobre seu aluno, é crucial para o seu desenvolvimento, dividindo em dois pontos, são eles: o aluno sendo tratado como uma vítima ou coitado, a consequência é a imposição de um contexto de fracasso ao estudante; o outro é o de um aluno que tem sua identidade sendo construída na interação, nas discussões críticas nas aulas, esse é o contexto de aprendizagem, o professor é o elo principal que determina qual será o seu tipo de aluno.

Acrescenta-se também sobre leitura a autora Marisa Lajolo (2009), que contribui discorrendo sobre a importância da literatura e que sem a leitura dessa, seria impossível saber das histórias do passado de uma população, de momentos históricos da civilização, que são escritos também em romances, a interpretação é uma maneira de viajar no tempo e ao mesmo tempo viver no presente.

Similarmente, para Freire (2006, p. 11), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”. A interpretação é fundamental para a compre-

ensão em toda sua totalidade, entendendo toda a situação social e temporal de determinada obra, com essa distinção é possível que o leitor se aproxime gradativamente à visão do autor, mesmo sendo de épocas distintas, concordando ou discordando do que se lera.

Quando uma pessoa desperta o hábito de ler, tudo ao seu redor se transforma em oportunidades de leitura, o comportamento de alguém pode ser lido assim como árvores, pássaros, situações cotidianas, entre outras situações que seguem sendo trilhadas como linhas escritas com palavras, e que se transformam em literatura. Isso pode acontecer com todos, sem exceções, e o professor pode fazer sua parte com os alunos, conduzindo-os a um mundo que está além do que se pode escrever com letras. Como Freire relata de sua infância:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims –, no corpo das árvores, na casca dos frutos. (FREIRE, 2006, p. 13)

A necessidade do aluno conseguir ler e interpretar é urgente, pois nossa realidade em vestibulares e avaliações, é decadente. Nota-se portanto que a dificuldade dos estudantes em entender até um simples comando é inegável e suas limitações de compreensão de leitura são, em partes, alarmantes. Isso é consequência do que eles trazem na “bagagem” desde o ensino fundamental. O professor deve intervir da sua maneira, motivando o estudante, a ser leitor que realmente leia e desfrute o que essa leitura lhe proporcionou, e não um que devora livros apenas pra “passar” de ano. Acerca desta percepção O PCNLP afirma que

[...] a compreensão crítica é algo que depende do exercício de recepção ativa: a capacidade de, mais do que ouvir/ler com atenção, trabalhar mentalmente com o que se ouve ou se lê. Trata-se de uma atividade de produção de sentido que pressupõe analisar e relacionar enunciados, fazer deduções e produzir sínteses: uma atividade privilegiada de reflexão sobre a língua. (PCNLP, 1997, p. 54)

O aluno tem sua parcela de culpa em não ir tão bem quanto deveria, mas o professor também compartilha disso, em grande parte. Estudante e educador necessitam um do outro, sendo que o aluno precisa um pouco mais do professor, porém se o profissional quiser evoluir com o passar dos anos, ele terá que entender que precisa se colocar na mesma necessidade do educando, aprender ensinando. Relacionado a isso Kleiman diz que:

[...] sendo isso uma questão de base, não seria necessário ensinar os alunos a contextualizar seu processo compreensivo; as respostas que eles dão às tarefas escolares são sempre contextualizadas, isto é, são as melhores respostas que podem ser dadas em função da situação em que se encontram, de suas capacidades específicas, da análise que fazem dessa situação. (KLEIMAN, 2006, p. 26)

Portanto, saber ler e entender o que leu tem uma consequência subsequente, também traz mais independência do pensar; aprende-se a valorizar mais obras do passado, a história da sua cultura. Assim, “saber ler[...], além de fundamental para o exercício de graus mais complexos de cidadania, constitui marca de distinção e de superioridade em nossa tradição cultural. Tanto para indivíduos quanto para coletividades.”. (LAJOLO, 2009, p. 30).

Conclui-se que, a realidade da nossa educação necessita de ajustes em pontos cruciais, como a leitura e sua interpretação. Como profissionais da educação devemos nos atentar as coisas simples que fazem a base do aluno, mesmo em estágios mais desenvolvidos. A leitura não deve se restringir apenas a fragmentos de textos e resumos de obras literárias, é preciso inserir o estudante no mundo literário. Presidindo assim o tradicionalismo, pois a literatura é uma fonte inesgotável de conhecimentos, e pode formar leitores críticos, capazes de compreender a literatura que o cerca.

### **3. *A criança e a literatura infantil***

A literatura até o final do século XVII, detinha como público alvo somente os adultos, sendo assim, as crianças eram deixadas às margens, não dispoendo de leituras mais adequadas para elas, tendo então, quando iam em busca de leitura, que se adaptar com um linguajar e visão de mundo adulto. Em meados do século XVIII, e no final do século anterior, começou então a produção dos primeiros livros para crianças. Sobre isso Zilberman (2003, p. 15) ressalta que no passado não se escrevia para crianças, porque não existia a “infância”. Já na idade moderna, essa concepção de faixa etária é vista de maneira diferenciada e a nova visão exigiu uma formação e atenção específica aos infantes. Esta transformação ocasionou uma nova concepção de família na qual restringiu-se o grau de parentesco e aderiu-se mais à privacidade, sem intervenções de parentes.

A nova constituição de família foi um divisor de águas para o desenvolvimento da literatura infantil e para a criança e nessa perspectiva

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

a valorização da infância enquanto faixa etária diferenciada é um dos baluartes deste modelo doméstico. Particulariza-se, primeiramente, a criança como um tipo de indivíduo que merece consideração especial, convertendo-a no eixo como a base no qual se organiza a família, cuja responsabilidade maior é permitir que os filhos atinjam a idade adulta de maneira mais saudável (evitando-se sua morte precoce) e madura (providenciando-se sua formação intelectual) (ZILBERMAN, 2003, p. 18).

Esta nova concepção de como a criança é vista transforma então a realidade das famílias na época. Mostrando que os laços familiares se fortalecem, criando vínculos afetivos mais fortes, pois os pais começam a se preocupar mais no desenvolvimento físico e moral de seus filhos.

A formação do leitor se faz necessária, e como essa é feita? Através da literatura. Sobre isso, Zilberman (2003) questiona e argumenta:

Como procede a literatura? Ela sintetiza por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

A literatura traz consigo muito mais que algo fictício, há também a inserção do mundo real, de ponto de vistas diferentes. Por mais que alguém leia determinada obra apenas porque nela percebemos a fuga do real, algumas questões dessa ficção serão condizentes com o mundo real, fornecendo informações e soluções, abrindo a mente para conhecer melhor ambos os mundos, fictício e real.

Para a conceituação de literatura infantil deve-se levar alguns aspectos em consideração, já que é preciso observar a ordem histórica da evolução dessa literatura voltada ao público infantil, pois seu surgimento tem origem determinável e seu aparecimento foi uma necessidade da época, tendo assim um vínculo estreito entre o seu nascimento e o processo social que reformulou a família e a visão sobre a criança (ZILBERMAN, 2003, p. 34). Esse novo valor que a criança obtém, tem influência na criação de obras literárias específica para suas idades, já que outrora eram considerados como pequenos adultos, indo a execuções de pessoas, ao trabalho e presenciando toda a vida de adulto com os pais, tendo que contribuir com a renda familiar desde cedo.

#### **4. Incentivo à leitura dos gêneros literários**

A leitura que a criança faz na escola pode ser caracterizada em dois tipos de textos: funcionais e literários. O primeiro é um tipo textual monossêmico, sua funcionalidade convém apenas a um sentido, é algo que já estabelece parâmetros a serem seguidos para que haja ao final o produto esperado, como receitas, contratos e até livros de histórias, geografia, ciência e outros gêneros (FARIA, 2015, p. 11). Os textos literários são mais abrangentes já que ele:

É polissêmico pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informações sobre diferentes temas – históricos, sociais, existenciais e éticos -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver questões existenciais, entrar em contato com novas ideias etc. (FARIA, 2015, p.11)

A literatura tem cunho evolucionário. Porém esta deve ser bem inserida no contexto do aluno, pois é necessário que o mediador, no caso o professor, conheça as instâncias do discurso literário, sendo que é através disso que ele pode perceber a sutileza e as várias maneiras de ler o livro e suas várias significações, e então conseguindo alcançar as expectativas e competências dos pequenos leitores. Através disso a aula se torna mais rica e encantadora (FARIA, 2015, p. 13).

Considera-se que existem três níveis de leitura: o sensorial, o emocional e o racional. Respectivamente são, o uso do livro físico, o tato com ele, tendo o prazer de passar as páginas, ler o que está nelas, sejam ilustrações ou textos, algo bem feito e belo; incita o irreal, a fantasia, e liberta as emoções, causando um sentimento único de liberdade; e tende a ser o plano intelectual da leitura, aonde o leitor se prende a regras estabelecidas pela elite intelectual, uma interpretação embasada no pensamento de terceiros (FARIA, 2015, p.14-5).

Porconsequente, constata-se que “está implícito que o professor não deve tratar cada um daqueles três níveis de leitura separadamente, pois, [...] o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos” (FARIA, 2015, p. 15). Um é complementar ao outro, isola-los é como restringir a qualidade e o desejo da leitura. O equilíbrio não se restringe na escolha de um, mas sim na seleção de todos.

Podemos distinguir os diferentes tipos de correntes de leituras, mais especificamente em três níveis: a leitura comprometida, a leitura a-



profundada pela experiência social e a leitura literária. A leitura comprometida é uma leitura emotiva, onde a criança se identifica com a personagem da história, há a identificação de semelhanças nas ações, é um diálogo entre leitor e obra, onde este busca saber o fim do livro, o desfecho da trama, querendo viver tudo em sua totalidade. A leitura aprofundada pela experiência social advém de um leitor mais maduro, onde esse, depois da leitura emotiva (ou concomitantemente), distingue no texto as conotações, ideologias e suas questões éticas de acordo com o tema, elementos considerados não literários. E a leitura literária que é a capacidade de entender para além do sentido imediato, perpassa o sentido implícito, ler nas entre linhas, considerada como um verdadeiro prazer intelectual (FARIA, 2015, p.16-7).

Portanto, a importância literária para o desenvolvimento do aspecto de leitura e do próprio leitor, mostra-se fundamental nesse processo. As obras de cunho livre, que não transpassam ideologias irredutíveis e inquestionáveis, são vistas como um meio de transformar com mais facilidade o humano, mesmo que esse a veja apenas como um devaneio, mas como ressalta Coelho (2000):

A criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento é a de identificá-la como um dinâmico processo de produção/recepção que, conscientemente ou não, se converte em favor de *intervenção* sociológica, ética ou política. (COELHO, 2000, p. 28)

Os gêneros literários agem no subconsciente de maneira gradativa, em leituras que podem ser vistas como um mero passatempo, e é nesse momento, de distração, que o leitor se apropria de um pensamento novo, que ao mesmo tempo vai de encontro a um mais antigo, que convive no consciente. Esse é o poder de obras literárias, após a leitura de um livro, o sujeito, de fato, jamais será o mesmo.

Cabe acrescentar que a literatura infantil não é de um gênero de menos valor que a literatura para adultos, já que essa está voltada ao seu público alvo, com determinada complexidade cerebral e que se adequam ao seu público. Então devemos nos atentar numa horizontalização desses gêneros literários, adulto e infantil, como observamos no que diz Coelho (2000) sobre a literatura e sua função essencial que é

[...] *atuar sobre as mentes*, nas quais se decidem as vontades ou ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]. No encontro com a literatura (ou com a

arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, *transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida*, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. COELHO, 2000, p. 29)

Sendo assim, em qualquer estágio da vida à leitura de gêneros literários proporciona melhorias ao seu consumidor, os leitores, que a cada leitura vão se tornando mais exigentes quanto ao que buscam, pois começam a mudar, e a mudança não se adequa ao que era no passado. Essa transição prescinde de textos que possam suprir as necessidades, ou seja, aquela criança ou adulto, querem obras que fujam do que já viram, que lhes forneçam uma visão distinta ou complementar de suas ideias.

As propostas de leitura dão ao professor indicação pedagógica básica, que podem ter o auxílio dos textos literários, pois esta

[...] considera que desde o início da escola fundamental estes três modos de leitura podem ser praticados sem uma ordem de sequência obrigatória, pois[...]: não se trata de uma progressão; é melhor considerá-los como três tipos de jogos de leitura, o primeiro (leitura comprometida) oferecendo ocasião de exercer o *play*, o terceiro (leitura literária), o *game*, e o segundo (leitura aprofundada pela experiência social) permitindo um vai-vem entre o *play* e o *game*. As crianças podem ser iniciadas nesses três modos de leitura e o domínio do três é indispensável para a construção de um comportamento de leitor autônomo. (FARIA, 2015, p. 17)

Não há uma ordem em como conduzir a formação do leitor, deixe-o livre pra ler, sendo a mediação fundamental, mas desde que eles utilizem desses três modos, segundo sua própria ordem, o fim será o mesmo, podemos até dizer que a ordem não altera os fatores, nessa situação.

Essa condução de leitura detém algumas vantagens já que:

Ela abre a possibilidade de propor uma boa variedade de livros para a classe, durante o ano letivo, atendendo às diferenças de interesses das crianças. Assim, em alguns livros, serão destacados os elementos estruturais da narrativa; em outros, o interesse pelo tema e seu tratamento; em outros ainda que em que se apelará para o imaginário, o maravilhoso etc. O que não exclui algumas incursões simultâneas, conforme o livro o permita. (FARIA, 2015, p.17)

Podemos concluir que trata-se de um trabalho que deve ser analisado pelo professor, de acordo com o livro escolhido para a sala de aula. E nessa perspectiva de lidar com essas formas de ampliar a leitura da literatura, é fundamental observar o seu público, no caso as crianças, se estão ou não preparados para esse tipo de trabalho, sendo de extrema importância se atentar às competências de leitura do aluno, básicas para qualquer tipo de leitura.

## 5. *Análise de dados*

De acordo com os dados obtidos do projeto *Eu leio, eu compartilho*, podemos ressaltar alguns aspectos relevantes presentes nas 16 fichas de leitura analisadas, onde nos foi possível constatar: a importância da leitura para propiciar maior envolvimento da criança com a literatura infantil e aproximação entre pais e filhos. Abordamos a seguir, de forma mais aprofundada, sobre esses aspectos.

No processo de análise do *corpus* de investigação, observamos que no que tange à importância da leitura, 15 pais afirmaram, por meio das respostas, que as crianças demonstraram curiosidade sobre as obras literárias lidas, que mostraram interesse em querer ler mais, como podemos ver neste relato:

“É muito importante o incentivo à leitura, desperta na criança, além da decodificação, a emoção e a curiosidade pelos acontecimentos e os fatos de cada história e conto.” (Pai 7<sup>199</sup>)

Afirmação essa que, assemelha-se ao que Faria (2015) fala sobre a função da leitura de obras literárias na vida do leitor, que não é algo imutável e de apenas uma interpretação já que seu sentido

[...] é polissêmico pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informações sobre diferentes temas – históricos, sociais, existenciais e éticos -, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver questões existenciais, entrar em contato com novas ideias etc. (FARIA, 2015, p. 11)

Um ponto levantado por alguns pais foi a dificuldade de seus filhos em livros infantis com muitas palavras e pouca imagem, as crianças ficavam enfadadas e não desfrutavam da leitura o tanto quando deveriam, podemos notar isso no relato do responsável 1:

“A leitura foi agradável porém, minha filha não conseguiu finalizar porque o livro tem muitas páginas. Eu finalizei a leitura pra ela, mas vi que ela não se envolveu tanto.”

Notamos que a faixa etária precede de uma atenção voltada para si, porque na formação do leitor que ainda está passando pelo processo de alfabetização existem métodos que precisam conversar com a criança, como Faria (2005) ressalta:

---

<sup>199</sup> Denominação de nomes fictícios, de responsáveis que contribuíram para o projeto *Eu leio, eu compartilho*.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O aprendizado da leitura não dispensa, desde o início da alfabetização, os livros para crianças. O trabalho de automatização da decodificação deve ser concomitante com o da leitura de textos variados. Daí, na iniciação literária desde a pré-escola, a importância dos livros de imagens, com ou sem texto escrito, no trabalho com narrativas. Eles podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação. (FARIA, 2015, p. 22)

Houve também uma aproximação entre pais e filhos, alguns alunos conseguiam se sair bem nas leituras, outros nem tanto. Os responsáveis falaram que a leitura serviu tanto para seus filhos quanto para si, pois a percepção de leitura foi além da decifração de códigos linguísticos, ela deixa uma interpretação que vai além disso, como Freire (2006) relata:

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores \_ das rosas, dos jasmims\_, no corpo das árvores, na casca dos frutos. (FREIRE, 2006, p. 13)

Nesta análise constatamos um aspecto relevante quanto à necessidade e a aceitabilidade por parte dos pais e filhos, relacionado ao projeto. Ao folhear todas as páginas, de cada caderno, que são 16, notamos que o número de aceitação foi muito significativo, como podemos observar no gráfico a seguir:



Como vemos no gráfico, somente um responsável não se referiu positivamente as atividades realizadas, e o motivo para tal foi que esse não participou, em nenhum momento, com seu filho. Afirmar essa feita pela própria criança, como podemos ver posteriormente nas palavras

da criança X<sup>200</sup>:

“Eu is tudei sozinha sen ningeni me nes a tarefa dospais.” (Eu estudei sozinha sem ninguém me auxiliando na tarefa dos pais)

É perceptível que o projeto, *Eu leio, eu compartilho* tem pontos que devem ser melhorados, porém a ideia e o desenvolvimento do projeto foi produtivo. Em suma houve uma grande aproximação dos alunos com a leitura literária e também com seus pais. Portanto, os resultados confirmam como a literatura infantil mostra-se primordial para a formação do leitor. Diante disso, é de fundamental importância a mediação do professor na aplicação dessas obras literárias para as crianças, um ponto a que pode ser revisado do projeto, pois houve relatos, dos pais, de obras infantis extensa e com muitas palavras, deixando os filhos dispersos.

## **6. Considerações finais**

Diante do presente projeto, notamos que a formação do leitor é totalmente influenciável e que as séries iniciais são cruciais. Desta maneira as influências literárias voltadas a criança, merecem atenção, porque notamos e comprovamos essa real necessidade na vida escolar do aluno.

Nossos objetivos foram contestados positivamente, são eles: a fomentação da literatura infantil, que mostrou-se crucial para o desenvolvimento do hábito de leitura, o projeto analisado forneceu dados relevantes que corroboram ao ato de ler, pois levou os alunos e os pais envolvidos a terem uma nova concepção relacionado aos livros infantis; e a ideia de mais envolvimento do professor e escola, relacionado a isso, vemos a importância desses envolvidos nessa fase de ensino, pois geralmente, é nesse momento que o aluno tem contato com o mundo literário, então merece que haja intervenção escolar e do profissional da educação.

A questão inicial que orientou essa pesquisa foi a falta do hábito de leitura dos alunos de todos os níveis básicos da educação, que podem ser sanadas com trabalhos semelhantes ao analisado nas séries iniciais de ensino. Pois esses tipos de projetos acabam norteando as crianças a lerem não somente porque devem, mas porque é prazeroso e e eles podem perceber a necessidade desse hábito para o seu desenvolvimento crítico e pessoal. Pois Freire deixa bem claro que a leitura não se restringe a tex-

---

<sup>200</sup> Nomes fictícios de alunos que participaram do projeto *Eu leio, eu compartilho*.

tos, vão além, abrangendo o meio do envolvido, e Coelho afirma a importância da literatura nesse processo de formação infantil.

Conclui-se que a literatura infantil contribui de maneira positiva na formação do leitor, sendo que com a inserção devidamente planejada de obras literárias no início da infância, o aluno tende a se familiarizar e a gostar de ler. Para formação de um leitor, a leitura deve ser algo prazeroso e que esteja no seu cotidiano e ela sempre está, então para que nosso aluno sinta o prazer e disposição para crescer intelectualmente e desenvolvendo seu intelecto, emoções e socialização por meio da leitura, faz-se necessário uma atenção à formação inicial, ou seja, às séries iniciais do ensino fundamental.

Ações como a analisada neste trabalho são muito relevantes, pois um dos nossos problemas mais evidentes nas séries de 5º ano do Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio é a repulsa por leituras, onde muitos alunos “odeiam” ler livros e textos, pois sua inserção no mundo literário, na grande maioria dos casos, foi tardia e feita de maneira forçada ou restritamente pedagógica. O professor é um agente essencial nesse processo, visto que algumas crianças só têm contato com o mundo literário na escola, pois em casa os pais não leem e nem os incentivam a isso.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FAILA, Zoara. *Retratos da leitura no Brasil*. 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 5. ed. 4. Reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

KLEIMAN, Angela Bezerra *et al.* *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

ZILBERMAN, REGINA. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.